

# Celso Furtado: pensamento vivo<sup>1</sup>

*Celso Furtado: a living thought*

Marinaldo Clementino Braga<sup>2</sup>

## Resumo



Celso Furtado morreu em 20 de novembro de 2004. Devemos a ele a compreensão do subdesenvolvimento e que os países da periferia do capital estão condenados a reinventar o desenvolvimento. O Seminário sobre ‘Celso Furtado, a Sudene e o Futuro do Nordeste’, realizado nos dias 8 e 9 de junho de 2000, em Recife, foi uma das raras oportunidades de se discutir a questão regional, a partir da obra de um dos maiores pensadores da atualidade, refletindo, não apenas sobre os seus ensinamentos, mas a sua validade no enfrentamento das transformações por que passou a humanidade ou final do século XX.

Palavras-Chave: **Sudene. Subdesenvolvimento. Modernização. Industrialização. Pobreza estrutural.**

## Abstract

Celso Furtado died on November 20<sup>th</sup>, 2004. He made comprehensible the underdevelopment phenomenon, declaring that peripheral countries, apart from the capital, are condemned to reinvent the development. A seminar named “Celso Furtado, SUDENE and the Future of Northeast”, occurred on June 8<sup>th</sup> and 9<sup>th</sup>, 2000, in Recife, was one of the rare opportunities for discussing a regional question, with basis on the work accomplished by one of the greatest thinkers of our days, reflecting not only his teachings but also its validity in the struggle brought by the changes that mankind faced at the end of the last century.

Keywords: **SUDENE. Underdevelopment. Updating. Industrialization. Structural poverty.**

## Introdução

O Seminário sobre ‘Celso Furtado, a Sudene e o Futuro do Nordeste’, realizado de 08 a 09 de junho de 2000, em Recife, foi uma das raras oportunidades de se discutir a questão regional, a partir da obra de um dos maiores pensadores da atualidade, refletindo não apenas sobre os seus ensinamentos, mas a sua validade no enfrentamento das transformações por que passou a humanidade ao final do século XX.

Na criação de um dos maiores pensadores do mundo, deve-se ressaltar três aspectos fundamentais, que, de forma definitiva, marcaram os países da periferia do capitalismo. **O primeiro** diz respeito ao grau de difusão de sua obra, com cerca de trinta livros, dezenas

e dezenas de artigos publicados em 15 idiomas – o que representa aproximadamente três milhões de exemplares vendidos, o que leva como resultado algo em torno de dez milhões de leitores no mundo inteiro (incluindo os países asiáticos e africanos), o que certamente faz deste grande arquiteto do saber o economista e cientista social das Américas mais lido em todo o mundo. A complexidade da sua teoria o coloca no patamar de um dos raros teóricos brasileiros, pela literatura relativamente sofisticada, tanto em elegância, quanto em caráter pedagógico e pela linguagem didática que perpassa por toda a sua obra.

Um **segundo aspecto** a permer seus escritos, desde antes do GTDN (Grupo de Trabalho de Desenvolvimento do Nordeste) até os dias atuais, é a

<sup>1</sup> Palestra conferida pelo Professor: Dr. Ricardo Bielchowsk – “Celso Furtado e o Pensamento Econômico Latino-Americano.” Seminário Internacional – Celso Furtado, a SUDENE e o Futuro do Nordeste – Recife/Pe – 08 e 09 de junho de 2000.

<sup>2</sup> Economista e Pós-Graduado em Sociologia. Pesquisador do Instituto de Desenvolvimento do Trabalho. E-mail:

permanente motivação e o seu engajamento na política. Teórico do Subdesenvolvimento, o que se pode denominar de periferia, dá aulas sobre o tema, como forma de orientar os cidadãos do continente para uma nova sociabilidade, definida pelo próprio Celso Furtado, alguns anos atrás, da seguinte forma: “nós, intelectuais que lidamos com idéias, não desconhecemos a importância da ação. Nós intelectuais agimos porque temos um projeto que nos obriga a explicitar nossos propósitos últimos. Fora disso, estaremos cometendo uma traição a nós mesmos, pois teremos negado a função social que nos cabe desempenhar.”

O **último aspecto** relevante na obra do mestre é a ousadia intelectual, a criatividade e a capacidade inovadora em suas análises e estudos sobre a nossa formação social. Para isto, rompeu com a ortodoxia (explicações convencionais do subdesenvolvimento), criando uma construção analítica própria, que muitos denominam de **Sistema Analítico Furtadiano**.

Para o professor Ricardo Bielchowsk<sup>3</sup>, o “edifício analítico da obra de Furtado tem um alicerce e três pavimentos. O alicerce é algo que podemos chamar de “método histórico estrutural”. Celso Furtado parte do estruturalismo prebichiano cepalino, para o qual ele também contribuiu desde o início, e constrói um método de análise do subdesenvolvimento. Os três pavimentos tratam das seguintes questões: **o primeiro deles** foi constituído a partir do final dos anos 40 e os anos 50. É o **pavimento econômico da análise do subdesenvolvimento econômico**. Em seguida, a porta de entrada de sua análise é a SUDENE. O seu trabalho nesta instituição, possibilitou ao pensador adentrar no campo sócio-econômico e político. A SUDENE alcançou o primeiro de seus objetivos: interromper o processo de empobrecimento do Nordeste, relativamente ao Centro-Sul do Brasil, mas falhou com respeito ao seu segundo objetivo, que era modificar a estrutura agrária da região, condição “sine qua non” para uma melhor distribuição de renda. Essa dimensão social ingressa no centro da obra do mestre a partir do final dos anos 50 e nos anos 60. Ao não se realizar, de forma radical, a reforma agrária, ao longo deste século, os problemas da desigualdade, da pobreza e da urbanização precoce têm se acentuado. Estas questões têm feito parte da pauta de reivindicação do Movimento dos Trabalhadores sem Terra, (MST), dos excluídos do

mercado de trabalho. A fim de minimizar os conflitos e as reivindicações destes segmentos, a retomada do crescimento e a reforma agrária são vistas, hoje, como um esforço de reconstrução das estruturas sociais, que deve ser acompanhado de investimentos que melhorem a qualidade do fator humano. Foi o que se fez em um país como a Coréia do Sul. Para Furtado, no Brasil, a reconstrução agrária seria relativamente fácil, em razão da abundância de terras e se tornou urgente face às pressões exercidas pelo desemprego urbano. Está havendo no Brasil um retorno da população às zonas rurais, em busca da sobrevivência. A produtividade em certas áreas pode baixar, mas o número de pessoas que passam fome se reduz.” (Gazeta Mercantil 17 de Fevereiro de 1997 – Pag A6). A Crise de Civilização pode estar explicitada no setor industrial, o mais dinâmico de nossa economia, que vem reduzindo significativamente os postos de trabalho. Hoje, há menos trabalhadores na indústria do que há dez anos, e a população brasileira segue crescendo a uma taxa de 2,6% ao ano. A diferença é que a agricultura está absorvendo gente, no Brasil. Na década de 90, a agricultura criou quatro milhões de empregos, o que é extraordinário, mesmo em se tratando, na grande maioria, de emprego na agricultura familiar de subsistência. Isto parece um dado revelador e que caminha na contramão do que vem acontecendo nos países desenvolvidos. O setor urbano parece ser responsável pelos mais altos patamares de desemprego de nossa História. Esta é a grande crise do mercado de trabalho brasileiro Só que, em nosso país, temos um milagre: a terra. Há, hoje, no mundo, algum país que crie empregos na agricultura?

Por último, Celso aborda em sua obra a **dimensão cultural (antropológica)**. Neste último campo, analisa a conexão implícita entre cultura e desenvolvimento. A Cultura, em sua obra, passa pelas condições materiais, pela questão política e geopolítica e a cultura da identidade. Em seu livro *Dialética do Desenvolvimento*, publicado em 1964, e ainda atual, mostra que as mudanças mais rápidas, ocorridas naquela época, são as que dão conta da base material e da ciência e, que as mudanças menos rápidas e menos numerosas ocorrem nos demais aspectos não materiais da cultura. Assim, a parte material e científica da cultura parece estar crescendo muito mais rapidamente do que a parte não material. Na época presente, é a vida social que é compelida a se ajustar, ela mesma, às mudanças na

<sup>3</sup> Palestra conferida pelo Professor: Dr. Ricardo Bielchowsk intiytulda “Celso Furtado e o Pensamento Econômico Latino-Americano, durante o Seminário Internacional : Celso Furtado, a SUDENE e o Futuro do Nordeste. Recife, 8 e 9 de junho de 2000.

cultura material. Esta concepção, presente ao longo dos últimos escritos, demonstra a permanente atualidade da obra Furtadiana.

Pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que o caráter cultural e ético de sua obra se resume pela nova maneira de ler (ver) as coisas. Maneira de ler o mundo de forma diferente. É nesta perspectiva que inventou o Nordeste, buscando compreender a região de forma diferente. Para tanto, suas reflexões sobre a seca devem ser compreendidas como um fenômeno, ao contrário do subdesenvolvimento que não é um fenômeno natural, mas algo produzido pelos modelos de desenvolvimento adotados na periferia capitalista. É nisto que consiste a **sua concepção de Desenvolvimento**, numa tentativa de desvendar todas as nuances do processo de exclusão produzido pelas sociedades capitalistas.

Seguindo este caminho, procura olhar a “Globalização” com olhos diferentes, que, no seu entendimento, vem acentuando as disparidades sociais em países como o Brasil. Em suas últimas reflexões, reforça a tese de que os países com grande potencial de recursos naturais e grandes desigualdades sociais são os que mais sofrerão com a globalização, porque poderão desagregar-se ou deslizar para regimes autoritários do tipo fascista, como resposta às tensões sociais crescentes.

O processo de “Globalização”, ao contrário do que muitos afirmam, não tem apontado para um mundo melhor, dada a sua natureza concentradora e excludente. No seu poder de inserir subordinadamente as nações dependentes, opera em benefício dos que estão na vanguarda tecnológica e exploram os desníveis de desenvolvimento entre os países. Este fenômeno de interdependência das economias nacionais, na visão de Furtado e de muitos estudiosos, é muito antigo. “No período compreendido entre a Segunda Guerra e a brutal elevação do preço do petróleo, no começo dos anos 70, o intercâmbio internacional de mercadorias cresceu mais intensamente do que o produto mundial. E o de serviços cresceu ainda mais. O que se observa, a partir dos anos 80, é a intensificação do comércio exterior sem dinamismo interno. O Brasil, com um declínio relativo de seu comércio exterior, constitui caso à parte. De toda maneira, o efeito mais evidente da “Globalização” tem sido intensificar o intercâmbio externo e debilitar o crescimento interno, o que tem sinalizado para uma sociedade cada vez mais injusta e desigual.” (Entrevista Revista Veja, 08 de janeiro, 1997).

Em vez de “Globalização”, o que está ocorrendo somente é a desnacionalização. Nossas empresas estão

abandonadas à própria sorte. Na verdade, não está havendo criação da capacidade produtiva, mas da venda da capacidade produtiva. Esta é a “globalização” que estão nos impondo, de forma dependente e subalterna. É por isso que Galbraith afirma que a dita “Globalização” não é um conceito sério. “Nós, os americanos, o inventamos, para dissimular nossa entrada econômica em outros países.” Seguindo a mesma pista, João Paulo Nogueira Batista Junior compreende este fenômeno como um “codinome para a velha conhecida “americanização” da economia mundial – terminologia carregada de indução ao erro.”

Para tanto, ao longo de sua trajetória intelectual, principalmente as obras da década de 90. Furtado assume concepções anteriores, cobrando das autoridades uma entrada soberana do país na Globalização, que, na atual conjuntura, não vem rimando com desenvolvimento, pelo menos para a grande maioria dos países da periferia do capitalismo. Mesmo sem levar em consideração duas décadas perdidas, os que tem freado o crescimento econômico, “um dos principais erros, segundo ele, é que o processo de crescimento adotado aqui, nada mais é que uma reprodução indiscriminada de padrões de consumo de sociedades que já alcançaram níveis de produtividade e bem-estar muitas vezes superiores aos nossos. Se admitirmos que o nosso objetivo estratégico é conciliar uma taxa de crescimento elevada com absorção do desemprego e desconcentração de renda, temos de reconhecer que a orientação dos investimentos não pode se subordinar à racionalidade das empresas transnacionais. Somente uma sociedade apoiada numa economia desenvolvida, com elevado grau de homogeneidade social, pode confiar na racionalidade dos mercados para orientar seus investimentos estratégicos.” (Gazeta mercantil, 15 de junho de 2000, pag. A4).

Neste sentido, o **pensamento Furtadiano** coloca um desafio permanente aos economistas e sociólogos de todas as tendências que revisitam sua obra, na perspectiva de identificar nas raízes da “má formação social brasileira”, problemas de natureza histórico-estrutural, que têm aprofundado as desigualdades e a concentração de renda em nosso país, especificamente na região Nordeste. Além do mais, deve-se considerar que a forma subordinada de inserção do Brasil, principalmente ao longo das últimas duas décadas, tem contribuído, sobremaneira, para acentuar os problemas sociais, que se encontram bem mais acirrados nas regiões consideradas subdesenvolvidas.

Para Furtado, “o subdesenvolvimento é um processo histórico autônomo e não uma etapa pela qual tenham passado, necessariamente, as economias que já alcançaram grau superior de desenvolvimento. O Brasil, país marcado por profundas disparidades sociais superpostas à desigualdade regional em nível de desenvolvimento, tem, ao longo de sua História, tornado-se frágil em um mundo dominado por empresas transnacionais, que tiram partido dessa desigualdade. No passado, a concentração de renda fez-se em benefício da acumulação interna, o que, de alguma forma, modernizou o país. Agora, ela se faz em benefício da acumulação externa”. Esta citação, do livro ‘Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico’, data de 1967 com a nova edição publicada em 2000; revela o caráter de atualidade do método de investigação histórico-estrutural, criado por Furtado, para compreender as sociedades periféricas (América Latina, especificamente o Brasil), que vêm experimentando um atraso secular em suas estruturas sócio-econômicas. Para muitas dessas sociedades, continuar com a nova (des) ordem mundial significa colocar a maioria dos habitantes do planeta no campo da exclusão e da pobreza, que se tem acentuado severamente nessas regiões.

O contexto de atualização da obra deste pensador, como afirmou o Professor Ricardo Bielchowsk, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – (UFRJ), “tem uma característica permanente: a motivação política. O que Celso Furtado faz, essencialmente, na condição de teórico do subdesenvolvimento, é dar aulas sobre o tema, como forma de orientar os cidadãos do continente para uma ação transformadora”. Tudo leva a crer que seu interesse pela História o aproxima de **Hobsbawn**, ao afirmar que, ainda na adolescência, interessou-se pela História ao ler a obra de Marx. “Marx me fez tomar consciência de que a História é um instrumento sem o qual não se pode compreender o que se passa no mundo.” No meu entendimento, a sua obra, em seu conjunto, é uma visão dinâmica da História. Da História do Brasil e do planeta, hoje indissociáveis. Como o próprio autor diz, “para se adaptar às novas e profundas mudanças do sistema econômico internacional, o Brasil terá de se livrar de suas estruturas anacrônicas, sem, no entanto, favorecer as forças que operam no sentido da desarticulação da economia nacional.

Como cidadão do seu tempo, comprometido com as transformações porque vem passando o capitalismo, a publicação do seu livro, ‘**Capitalismo Global**’, retoma uma lição que o persegue desde os escritos da juventude ao amadurecimento como intelectual e homem público.

A crítica profunda ao sistema, que caminha na direção da destruição da humanidade. Para tanto, é necessário, como afirmou no encerramento do Seminário, promovido pela SUDENE para homenageá-lo, que a nova geração tenha compaixão da situação atual que tem aprofundado a exclusão social e lute por um mundo onde venham a imperar a solidariedade e a beleza nas relações entre os seres humanos.

A história deste humanista, que completou 80 anos no mês junho de 2000, foi uma afirmação permanente da luta contra a desumanidade e a desigualdade, ao colocar, de forma evidente, que a civilização iniciada pela Revolução Industrial aponta, de forma inexorável, para a barbárie. Ela concentra riqueza em benefício de uma minoria cujo estilo de vida requer um dispêndio crescente de recursos não renováveis e que somente se mantém porque a grande maioria da humanidade se submete a diversas formas de penúria, principalmente à fome e à exclusão social. Uma minoria dispõe dos recursos não renováveis do planeta, sem se preocupar com as conseqüências, para as gerações futuras, do desperdício que ela hoje realiza.

Sua mais recente publicação, ‘**O Longo Amanhecer**’ – reflexões sobre a formação do Brasil, coloca a “importância de se estudar a exclusão social. Adverte para o perigo que representa essa massa de jovens que não consegue entrar no mercado de trabalho. “São excluídos de antemão”. Segundo estudos recentes sobre esta temática, nas décadas de crescimento da economia, a exclusão assumiu quatro dimensões: **inicialmente**, a geração de ocupação de baixa qualificação, produtividade e rendimento; **em seguida**, a desigualdade no rendimento dos ocupados (alta rotatividade nos contratos de trabalho, economia baseada em baixos salários e com um núcleo diminuto de ocupados com níveis de rendimentos superiores, o que se assemelha aos trabalhadores das grandes empresas, nas economias avançadas); **posteriormente**, a distribuição de rendimentos, extremamente desigual, segundo o sexo, cor, idade, setores econômicos e áreas geográficas e, por **último**, as diferentes formas de contratação (no segmento assalariado há diferenças em relação aos trabalhadores com contrato e sem contrato formal).

Nas duas décadas perdidas, encerradas ao final do século XX, as formas de exclusão assumem três dimensões: a **primeira** está vinculada ao movimento geral de desestruturação do mercado de trabalho (altas taxas de desemprego, o desassalariamento e a geração de postos de trabalho precários); a **segunda** se apresenta

sob novas formas de produção e de gestão da mão-de-obra (expansão das ocupações subcontratadas, com trabalho em domicílio, por tarefas, e em tempo parcial) e a **terceira** é representada pelas condições de exclusão dos segmentos do mercado de trabalho (o chamado setor informal, que, no modelo econômico anterior, ainda garantia alguma forma de renda e ocupação) que se mostra insuficiente para absorver parcelas significativas de trabalhadores. O desemprego estrutural, com exclusão de trabalhadores, não encontra resposta nas políticas tradicionais de mercado de trabalho atualmente existentes.

Em seu livro **‘Falso Amanhecer’ – os equívocos do capitalismo global**, John Gray utiliza argumentos que colocam os fundamentos do sistema capitalista em choque com uma realidade histórica incontornável. Ao desenvolver esta reflexão, o mercado se apresenta acima e fora do controle do Estado, contribuindo para romper os laços de coesão social. “A razão de ser dos governos, em qualquer lugar, é sua capacidade de proteger os cidadãos da insegurança. Um regime global do *laissez faire*, que impede os governos de executar seu papel de proteção, está criando condições para uma instabilidade política e econômica ainda maior”. Para o autor, o desafio é passar de um tipo de controle social da economia a outro, e não de se perder na ilusão de uma economia liberada de todo o controle social, ilusão que conduz ao agravamento das desigualdades e de todas as formas de marginalização e exclusão.

Ao compreender a natureza excludente do sistema capitalista, o ideólogo, mesmo com seu pensamento conservador, critica o sistema, não da forma radical como as idéias que Celso Furtado vem desenvolvendo nos seus últimos escritos, ou seja, dentro do capitalismo, não há futuro para o Brasil nem para o Nordeste. A concorrência liberal selvagem desfavorece os fracos; torna a economia mais débil, socialmente desigual e politicamente desvinculada do poder real. Esta forma de apropriação da riqueza por parte das nações hegemônicas está destruindo o poder de articulação e coordenação dos Estados nacionais. Para fazer face a esta realidade perversa e desumana para qual caminha a humanidade, é necessário refletir sobre o desequilíbrio global em escala mundial, que vem beneficiando, de forma visível, os Estados Unidos. Além da hegemonia americana, há de se entender que o avanço tecnológico tem concentrado renda, poder e riqueza.

Como forma de negar este quadro extremamente injusto e afirmar um novo tipo de sociabilidade, este

pensador, comprometido com as transformações do mundo, convida-nos a juntos, construir um novo projeto de sociedade. Para tanto, deve ser retomada a construção da nação, que foi interrompida, criando uma consciência coletiva de ruptura com a forma subalterna que nos acopla à globalização. Em seu livro **‘Dialética do Desenvolvimento’**, coloca o projeto de desenvolvimento econômico na mesma perspectiva em que situa este conceito na atualidade. Define o desenvolvimento econômico como “um processo de mudança social pelo qual um número crescente de necessidades humanas – preexistentes ou criadas pela própria mudança – são satisfeitas, através de uma diferenciação no sistema produtivo decorrente da introdução de inovações tecnológicas. O avanço da ciência desempenha papel estratégico nesse processo, pois dele emanam as inovações tecnológicas.. A introdução das inovações em uma cultura não se efetiva sem suscitar resistências e estas, o mais das vezes, manifestam-se através de conflitos sociais.”

Neste sentido, aprofunda sua reflexão de 50 anos, em seu livro **‘Construção Interrompida’**, argumentando que o “desafio que se coloca no umbral do século XXI é, nada mais nada menos, do que mudar o curso da civilização, deslocar o seu eixo da lógica dos meios a serviço da acumulação, num curto horizonte de tempo, para uma lógica dos fins, em função do bem estar social, do exercício da liberdade e da cooperação entre os povos. Devemos nos empenhar para que esta seja a tarefa mais relevante dentre as que preocuparão os homens no correr do próximo século: estabelecer novas prioridades para a política, em função de uma nova concepção do desenvolvimento, posto ao alcance de todos os povos e capaz de preservar o equilíbrio ecológico”. Sintetizando o objetivo: deixaria de ser a reprodução dos padrões de hiperconsumo das minorias abastadas, para ser a satisfação das necessidades fundamentais do conjunto da população, com a Educação concebida como desenvolvimento das potencialidades humanas, nos planos ético, estético e da ação solidária. A criatividade humana, hoje orientada, de forma obsessiva, para a inovação técnica a serviço da acumulação econômica e do poder militar, seria dirigida para a busca da felicidade, esta entendida como a realização das potencialidades e aspirações dos indivíduos e das comunidades vivendo solidariamente.

A obra deste cientista social é a projeção permanente de alguma luz sobre as prováveis conseqüências das ações dos responsáveis pela

salvaguarda do interesse público – o que pode significar prevenir, a tempo, certos atos que, por terem sido praticados com inconsciência, não são menores crimes contra a coletividade – é a grande omissão da época dos que assumem o poder e, por comodismo, covardia ou interesses outros, têm se afastado de suas verdadeiras funções: servir ao bem público e aos interesses do país. Com isso, não se pretende que exista uma moral dos intelectuais por cima de quaisquer escalas de valores, necessariamente inseridas no contexto social. De qualquer modo, este grande timoneiro do pensamento econômico e social do século XX, em no nosso país, ao contrário de muitos outros que abandonaram suas idéias para ocupar espaços no poder, teve uma responsabilidade particular e, porque teve essa responsabilidade, nunca se negou a ver mais longe do que lhe facultavam as lealdades de grupo e as vinculações de cultura. Seu compromisso supremo sempre foi, e continua a ser, com a dignidade da pessoa humana, atributo inalienável do ser intelectual.

Pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que o percurso intelectual e a **postura ética do pensador Celso Furtado**, de fato o coloca no estatuto descrito pelo **filósofo Manoel de Oliveira**, em artigo no jornal “O Povo”, ‘**O Defensor de um Outro Brasil**’, pois “a obra de Celso é dedicada a estabelecer critérios éticos para o funcionamento da realidade econômica”. Estes novos critérios, no meu entendimento, caminham na perspectiva de se construir uma nova sociabilidade humana, dado que a natureza do mundo do livre mercado e da globalização caminha, celeremente, para estimular desigualdades em renda, riqueza, acesso ao trabalho e qualidade de vida, que rivalizam com aquelas encontradas no mundo imensamente mais pobre dos meados do século XIX. Daí, a necessidade de se apostar

num novo tipo de convivência humana, rompendo com o vácuo ético que tem aberto espaço aos mais diferentes tipos de violência e discriminação na vida humana, tanto que a guerra e a fome ainda fazem parte do dia-a-dia de milhões de seres humanos. Para tanto, faz-se necessário quebrar a hegemonia capitalista neste final de milênio, que aprofunda as desigualdades, a cujo cenário do mundo contemporâneo se apresenta como paradoxo de uma humanidade cada vez mais avançada, tecnologicamente, confrontando-se com uma anti-humanidade de excluídos e miseráveis.

### Referências

- CALAIS, A. Furtado alerta sobre ameaça à democracia. *Gazeta Mercantil*, Rio de Janeiro, p. A4, 15 jun. 2000.
- FURTADO, C. *Brasil a construção interrompida*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- FURTADO, C. *O capitalismo global*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- FURTADO, C. *Dialética do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.
- FURTADO, C. *O longo amanhecer: reflexões sobre a formação do Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FURTADO, C. *Uma política de desenvolvimento para o Nordeste*. Recife: Sudene, 1959.
- FURTADO, C. *Teoria e política do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

Data do Aceite: 2005.